

E as bandeirinhas que enfeitavam as paredes foram novamente retiradas precocemente. É triste o semblante de quem o faz, representantes de um povo iludido e sonhador.

Desde há mais de vinte anos, o filme se repete. A Copa do Mundo começa e a festa é imensa, muitas vezes desmedida, com suspensão do trabalho, mudança de horários de funcionamento de repartições, congestionamentos, correria, consumo excessivo de álcool, gastos impensados com camisetas e adornos relacionados à seleção brasileira, a maioria beirando o ridículo.

A gloriosa imprensa esportiva brasileira (credo) entusiasmando os torcedores e endeusando jogadores medíocres, até mesmo aquele que mal consegue andar, quanto mais correr, mas que é “tecnicamente maravilhoso”, embora nunca tenha sido o principal destaque de qualquer time onde tenha jogado, depois que saiu do Brasil. Entretanto, suas festas devem mesmo ser maravilhosas, porque não lhe faltam bajuladores.

No começo, algumas vitórias, sobre times desqualificados, e assim que se defronta com equipe de posto intermediário do ranking, lá se vão as esperanças, sobrevivendo inevitavelmente derrota, esperada para os que entendem algo de futebol, e surpreendente e decepcionante para a grande maioria, ávida por algo que lhe traga um pouco de alegria, neste dia a dia nada fácil.

É claríssima a fragilidade da geração atual de jogadores brasileiros. Até o final do século passado, “qualquer” jogador brasileiro era destaque, mas o futebol mudou. Hoje tudo começa pelo preparo atlético e o jogo é muito mais físico que antes, e, assim, as seleções tendem a se equivaler. Só que, nos mesmos moldes do basquetebol, com o qual o futebol cada vez mais se parece, com as marcações individuais encaixadas, para ganhar torneios importantes, é preciso contar com, ao menos, dois craques cujo talento os diferencie dos demais.

É neste ponto que passam a valer as gerações de *players*, diferenciando uma seleção de outra. A Itália não consegue classificação à Copa do Mundo, nem destaque nas competições europeias de nações, há mais de uma década, porque sua geração é fraca, ao contrário da França, da Espanha, da Argentina e de Portugal (a melhor dos últimos 50 anos, uma pena o conflito dos egos. O Brasil, se tivesse que disputar a classificação com seleções mais fortes que as sul-americanas, nem à fase de grupos chegaria).

Aqui até jogadores da América Latina que sequer são titulares de suas seleções destacam-se. Ainda se joga futebol lento e pleno de malandragens toscas, desvirtuando o esporte e iludindo torcedores. Os brasileiros que atuam no exterior não são protagonistas de suas equipes, como ocorria em 2002, quando, não por acaso, fomos campeões do mundo.

É tudo muito lógico, quando não analisado por jornalistas sem lucidez (quase a totalidade). Os que se salvam e dizem a verdade são massacrados nas redes sociais, pois não é o que a maioria quer ouvir ou enxergar.

Critica-se o técnico quando deixamos o comando do jogo com o adversário, optando pelo contra-ataque, sem reconhecer que não temos capacidade de impor nosso ritmo; quando tentamos ficamos ainda mais vulneráveis e susceptíveis a placares adversos elásticos – vide os 7x1 de 2014.

Outros atacam a CBF, corrupta como sempre, mas nem ela detém um time talentoso, mesmo preparado em cima da hora, como no último mundial que ganhamos.

Hoje, não temos o melhor futebol, nem sequer um dos melhores, estamos, isto sim, na segunda ou terceira prateleira com nossa geração de futebolistas frouxos, incompetentes e pretensiosos, principalmente aquele que inventaram ser o melhor do mundo só para satisfazer a insistente luta mundial contra o preconceito imaginário, a idolatria dos coitadinhos e perseguidos. Ele é arrogante ou vítima, dependendo do interesse do momento, mas omissos, falso e dissimulado sempre.

E assim retiramos, fria e desconsoladamente, os enfeites que devemos manter escondidos até que venham tempos melhores.

